

## **A Literatura de Cordel: Elementos Formadores da Região Nordeste**

Karolayne Ribeiro de Góes

RESUMO: A Semana de Arte Moderna, ocorrida em inícios do século XX propôs uma mudança, com base nos preceitos modernizantes, que aos poucos vinha acontecendo no cenário histórico brasileiro: a mudança do foco de importância das regiões, onde o açúcar nordestino, em decadência, aos poucos perdera sua vez para o café, a urbanização e a industrialização sulista. A partir desse momento iniciou-se um processo de estereotipização da região nordeste, que agora seria vista como atrasada e vítima de flagelos como a seca e a miséria. Nosso trabalho tem como objetivos identificar essas mudanças, relatando o processo de negação da região Nordeste, bem como a construção da imagem das regiões Sul e Sudeste como o modelo a ser seguido, exemplo de modernidade e avanço. Ainda assim, buscaremos mostrar a reação dos grandes proprietários de terras nordestinas, quando se viram com prejuízos e a desvalorização de sua região, bem como o processo empreendido pelo movimento regionalista para que a região nordeste criasse uma identidade, com vistas ao retorno de sua importância perante o cenário econômico, social, cultural e intelectual brasileiro. Através do método histórico, e bebendo do discurso de teóricos como (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003), (LUYTEN, 2005), (CARVALHO, 2005), e (GINZBURG, 1989), tentaremos entender como o cordel, pequeno folheto com grande circulação na região Nordeste, e que atinge todas as camadas da sociedade, empreendeu um trabalho de visibilização dessa região, bem como de seus personagens, e que acabou criando uma identidade que homogeneizou a imagem do Nordeste e de seu povo através de três vertentes: A primeira trata-se da veiculação da região Nordeste como uma região assolada pelas secas, o que proporcionara a mudança e migração de sua população para as regiões sul e sudeste do Brasil; na segunda abordagem nos deparamos com o Nordeste da devoção religiosa, onde os cordéis unificam o nordestino e sua devoção, por exemplo, ao “Padim Padre Cícero”; por último identificamos uma construção que já se enraizou nessa região e que tem na imagem do cangaceiro Lampião, tão abordada nos cordéis, a visão de que todo nordestino é “cabra-macho” e devem se espelhar no rei do cangaço e em suas peripécias, em seu cotidiano. Enfim, é através de estudos sobre essas construções e formações de identidade, veiculadas pelos cordéis, que empreendemos o nosso estudo, explicitando e entendendo todo esse processo regionalista, que visou formar uma identidade própria para a região que acabara de perder sua importância econômica. Nele, notaremos o cordel como principal ferramenta que deu origem à imagem que se tem do Nordeste atual.

Palavras-chave: Nordeste; Movimento Regionalista; Cordel; Identidade.

## Introdução

Como sabemos, vários são os fatores constitutivos de nossa identidade regional, bem como, eles são construções ao longo dos tempos elaboradas por algum interesse de, principalmente, intelectuais que iniciaram uma luta pela construção de sua identidade regional. Para tanto, são elaboradas estratégias e instrumentos que fomentam a discussão sobre a região.

Falando, em especial, da construção da região nordeste enquanto constitutiva de uma identidade própria, temos idéia de seu nascimento, e a forma como se deu a sua criação. Assim, o termo nordestino e toda uma bagagem de estereótipos que ele carrega junto, tem uma data de criação e também uma intencionalidade para a mesma. Nas palavras de Durval Muniz (2003) “o nordeste vai sendo inventado como espaço regional”. O próprio ao se reportar a essa construção do Nordeste enquanto região nos torna cientes de que essa invenção se deu através de um movimento regionalista encabeçado por Gilberto Freyre e outros intelectuais de sua época, que buscavam nas formas e praticas mais simples da região “norte”, transformá-las em práticas típicas de um povo, de uma região própria que tinha autonomia e personalidade. Ao contrário dos discursos difundidos pela região sul do nosso país, agora o principal pólo econômico da nação.

Entre outros aspectos, temos o declínio da economia e da política dessa região como o estopim para se realçar ela perante o cenário nacional. A região norte agora caíra em desuso, pois não tinha uma autonomia para enfrentar as segregações da região sul do Brasil. ALBUQUERQUE JR. (2003).

Assim surge o Nordeste, em meio a uma campanha de cunho político e econômico para resgatar a imagem da extinta região “norte” e trazer de volta, principalmente à elite da região, a força e a autonomia que haviam perdido com a crise do Açúcar, principal produto da região.

O nordestino, assim como o recorte regional Nordeste,, nasceram a partir de uma série de práticas regionalistas e de um discurso regional que se intensifica entre as regiões do Norte do país, a partir do final do século XIX, quando o declínio econômico e político dessa área, vai levar a uma progressiva subordinação desse espaço em relação ao Sul do país, notadamente São Paulo. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003)

Assim surge o Nordeste, em meio a uma reivindicação das elites nortistas pela perda de seu espaço no cenário brasileiro. Assim surgem, também, os estereótipos e preconceitos criados pelos sulistas, e pelos próprios nortistas para depreciar a imagem do nordestino. É nessa época que surge o “flagelo das secas”, o “homem atrasado” em relação à região sul, que seria agora o modelo a ser seguido, bem como o “homem que fala errado”, “analfabeto”, entre outros estereótipos que servem para rotular a imagem do nordestino como única, sem diversidade, sem diferenças.

Porém, os nordestinos, embalados pelo movimento regionalista, também iniciam um trabalho de busca pela valorização de sua região, o que acarreta, também, na criação de estereótipos, muitos difundidos ainda hoje no Brasil todo. Quem nunca ouviu dizer que o Nordeste é terra de “cabra macho”? É entre esse e outros discursos que iremos analisar, neste trabalho, a reprodução dos estereótipos através da literatura nordestina.

Trata-se de uma análise sobre a Literatura de Cordel. Ela e seus discursos nordestinizantes, que tanto explicitam a visão que se trabalha sobre o nordestino, na maioria das vezes, pelo próprio. É a exacerbação dos estereótipos que circulam no país sobre o nordestino e seu modo de vida. Salvando algumas exceções, os cordéis, com certa intencionalidade acabam por reproduzir os discursos estereotipizadores, e ajudam ainda mais no enraizamento popular de conceitos como o do Cabra-macho, de que o nordeste só tem

secas e que todo nordestino é um sofredor, e por isso, devoto assíduo dos muitos santos e da religião católica.

### **A Literatura de Cordel: Seu Surgimento e o Espaço Conseguído Através da História Cultural**

O surgimento da literatura de cordel se dá na península Ibérica e recebe esse nome pela forma como os livretos eram expostos para venda, pendurados por cordas que os deixavam numa posição privilegiada para exposição. Ela deriva do surgimento da cultura popular, muito antiga no Ocidente e que tem sua origem por volta do século XII, como manifestação leiga que independia do sistema de comunicação eclesiástico, pois esse trazia como língua oficial o latim. Luyten (2005).

Dessa forma a cultura popular surge através de histórias contadas e versos compostos pelas pessoas dessa época. Outra fase de destaque para o surgimento da cultura popular são as das épocas de peregrinação e de guerras, onde haviam movimentações populares devido o encontro das populações de várias regiões da Europa.

Surgida então na Europa, a literatura de cordel penetra no Brasil por volta de finais do século XIX, porém não demonstra tanta força como tem hoje, e passa por períodos de altos e baixos, tendo como prováveis pontos de decadência a iminência da distribuição de jornais pelo interior do país, bem como o surgimento do rádio e, posteriormente a chegada da televisão em nosso país. Porém, apesar desses duros golpes, o cordel se mostrou resistente a esses fatores e é uma das mais notáveis manifestações culturais da região Nordeste.

Dessa feita, os nordestinos se apropriam da literatura de cordel para difundir suas manifestações culturais, abarcando não apenas a elite, mas a população em geral, devido o fato de o folhetim poder ser confeccionado por qualquer pessoa. Se enquadrando na abordagem que Falcon (2002) nos faz sobre a história cultural.

a História Cultural compreende tanto a cultura intelectual quanto a material, a erudita e a popular; a cultura científica, filosófica e artística mas também a cultura cotidiana e, enfim, a “alta cultura”(ciências, filosofia, artes, literatura) e a “cultura cotidiana” ou do “senso comum” (FALCON, 2002)

Assim, percebemos em Falcon (2002), que a literatura de cordel se enquadra nos estudos da história cultural, pois é a abordagem da cultura popular, da cultura cotidiana, do senso comum que vem de conteúdo nos folhetins e que, por isso, pode ser classificada como cultura popular.

Dessa feita, o cordel também é um órgão reprodutor de “verdades”, fugindo com aquele discurso positivista de visão unilateral, onde o discurso popular era visto com certo preconceito por parte dessa escola. Foi com a revolução da história cultural que surge a valorização das novas linguagens como constitutivas de nossa história. E é analisando a literatura de cordel como tal que observamos o seu papel preponderante para o movimento regionalista que “inventou” o Nordeste.

Para o movimento regionalista era preciso se criar elementos que desse subsídios para a valorização do nordeste enquanto região a se admirar e se ter orgulho de viver na mesma. Isso era preciso, pois cada vez mais o Nordeste perdia seu espaço para a cultura sulista e para a cultura estrangeira. O discurso da Semana de Arte Moderna, em 1922, fazia com que a população admirasse o que é novo, o que é moderno, enquanto o movimento regionalista nordestino, se apoiava numa cultura de raiz, tradicional, em busca da valorização do Nordeste “puro”, sem nenhuma infiltração da cultura modernizante. Era preciso recuperar o espaço perdido:

Havia uma proposta clara, portanto, do movimento regionalista e tradicionalista, de contribuir para traçar e fixar o perfil do homem da região, de dar a ele uma “personalidade”, uma fisionomia. Para isso, vai incentivar que o regionalismo se

explicitasse em obras de arte, tanto no campo das artes plásticas, como na literatura, visando “dar expressão ao regional”. Era preciso, inclusive, educar o gosto da população, para quem, em vez de admirar tudo que era estrangeiro, gostasse do que era regionalmente nosso. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003).

É nessa tentativa de criar a personalidade do nordestino que surge a imagem do cabra macho, que é tão representada pelos cordéis através da figura de Lampião. Aliás, os cordéis serão os principais órgãos de divulgação e formação da personalidade, da fisionomia do nordestino, como sendo um cabra-macho, que deve seguir os passos de Lampião em suas inúmeras pelepas traçadas pelos folhetins. Além de trazerem a questão das secas com um certo ar de conformismo, que dá margens para o surgimento de um outro estereótipo do nordestino, o de devoto, de religioso assíduo.

Dessa forma, nós temos a literatura de cordel como principal meio de representação do que seria a cultura nordestina, o mesmo que criara força com a ascensão do movimento regionalista.

Segundo Chartier apud Carvalho, (2005), as representações surgem como uma aspiração de um determinado grupo social dominante, ao que viria a ser a percepção do real. Assim, o discurso dos cordéis acabam por se legitimar a medida que são adotados pela população como a verdadeira representação do que viria a ser o nordeste e suas manifestações culturais, que divertem e descontraem os seus leitores.

As representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam (CARVALHO, 2005).

Outra discussão sobre os cordéis que precisa ser levantada é sobre seu alcance na sociedade. Evidentemente, que por seu preço baixo, e por sua interessante abordagem sobre o modo de vida da população e os costumes nordestinos, os cordéis têm um público alvo muito variado haja visto que não apenas a cultura nordestina entra em contato com eles, mas toda a população nacional. Ai, ao tocar nessa questão, nos reportamos a um conceito tão trabalhado na atualidade, que é o da Circularidade Cultural (GINZBURG, 1989), onde o material, mesmo que tenha sido forjado pela cultura popular, circula entre ela e a cultura erudita. Assim, percebe-se que o alcance do cordel é muito amplo, e as identidades formadas pelo mesmo também se tornam cada vez mais arraigadas na mentalidade das pessoas que os lê. Mello e Júnior (2006).

Dessa forma não há como negar que é através dos cordéis que a imagem do nordestino enquanto tal, também é moldada. Eles, definitivamente, são grandes contribuintes para a formação das identidades dos nordestinos, esses trabalhados com mais ênfase em três viés principais: na sua devoção religiosa; nas grandes secas que assolam o Nordeste; e na imagem do cabra macho, representada pela figura do Lampião. Essas são as tessituras a serem trabalhadas na nossa discussão posterior.

### **A Literatura de Cordel e Sua Contribuição Para a Formação da Identidade Nordestina: os Três Principais Estereótipos.**

Na literatura de cordel tradicional, três são as principais abordagens tradicionais que revelam os principais estereótipos que deram subsídios para a formação da identidade do homem nordestino. Tessituras essas que estão presentes na maioria dos cordéis escritos desde que o mesmo chegou ao Brasil e se estabeleceu como uma das principais manifestações da nossa cultura popular, e que estão circulando entre nossas classes sociais e nossas regiões, em sua maioria abordando a região nordeste como tema principal.

Um dos temas mais abordados pelos folhetins de cordel é, com certeza, o tema das secas. Sabemos que a imagem do Nordeste como uma região que sofre com as secas surgiu junto à elite açucareira nordestina, que após a famosa seca de 1897, iniciou um trabalho de divulgação do Nordeste, enquanto região árida, principalmente, por interesses financeiros nos investimentos do governo federal para o combate as mesmas, ou seja, há sim secas no Nordeste, porém, há também, regiões que têm abundância de mananciais, rios, açudes, e que não sofrem com o “flagelo da seca”, que produzem frutos e verduras que alimentam o Brasil. Porém, a imagem que se passa dessa região, principalmente veiculada pela mídia, é de uma região seca, onde muitas pessoas ainda morrem de sede, e que enfrentam várias dificuldades pela falta de água em sua região. Essa imagem, essa identidade do Nordeste seco, foi construída ao longo dos anos e perdura até hoje, sendo os cordéis um dos veículos de comunicação que abordam e constroem essa imagem, como fica bem clara no trecho do cordel intitulado “A seca do Ceará”, de Leandro Gomes de Barros. Observem:

A seca do Ceará  
Autor: Leandro Gomes de Barros

Seca as terras as folhas caem,  
Morre o gado sai o povo,  
O vento varre a campina,  
Rebenta a seca de novo;  
Cinco, seis mil emigrantes  
Flagelados retirantes  
Vagam mendigando o pão,  
Acabam-se os animais  
Ficando limpo os currais  
Onde houve a criação.

**Não se vê uma folha verde  
Em todo aquele sertão  
Não há um ente d'aqueles  
Que mostre satisfação  
Os touros que nas fazendas  
Entravam em lutas tremendas,  
Hoje nem vão mais o campo  
É um sítio de amarguras  
Nem mais nas noites escuras  
Lampeja um só pirilampo.**

Se nós percebermos alguns trechos dessas passagens do folhetim, vamos notar que há algumas generalizações e exageros por parte do cordelista ao descrever a seca no sertão do ceará, quando a trata como um flagelo, que atinge o nordestino, sertanejo, fazendo com que ele migre de região para escapar de tamanha judiação. Será que a seca, realmente atinge toda a região sertaneja do Ceará? E em relação a migração dos sertanejos, será que não há outra alternativa de vida em sua terra, ou ele realmente terá de deixar suas terras “tórridas” e procurar por um alento em meio a tanto sofrimento?

A resposta é óbvia. É certo que não podemos negar o fato de a seca na região Nordeste existir, porém é preciso se tomar cuidado com os exageros e as generalizações, pois a imagem

que se passa sobre o Nordeste acaba sendo a de um lugar difícil de se viver, onde é preciso ficar migrando de um lugar para outro, a fim de buscar uma melhor condição de vida.

Essa breve crítica feita ao cordel parece ser desnecessária ou até muito dura, por ele se tratar de uma literatura que releva a cultura popular, entretanto não é, pois essas imagens descritas pelos cordelistas, in(conscientemente), acabam por alimentar ainda mais a formação de uma identidade. Existem pessoas que não têm um conhecimento prévio do que realmente se passa na nossa região, e se tiverem acesso a essas leituras, e realmente têm, representarão o Nordeste como seco, atrasado – pois não tem infra-estrutura nem para combater as secas – e acabam por fazer juízos de valor e negar a nossa região e segregá-la.

Outro viés abordado pelos cordéis e que ajudam a alimentar o imaginário do que seja o nordestino é o da devoção do mesmo a alguns santos, em especial, ao Padre Cícero que, apesar de não ser santo, é figura que ostenta grande devoção dos nordestinos, as vezes chego a pensar que o imaginário chega a se confundir com o real, e que adorar ao “Padim Ciço” tenha se tornado uma questão apenas cultural, que tenha fugido de um caráter religioso, e mais, talvez isso também seja obra do movimento regionalista e da identidade tecida pelo próprio nordestino em meio a tantos discursos.

A literatura de cordel, por sua vez, da sua contribuição para a divulgação dos feitos de Padre Cícero, carregando consigo, muitos feitos e milagres atribuídos ao “santo” do sertanejo nordestino. Este que une os nordestinos em um só povo, denominados “afilhados” de Padre Cícero, fazendo com que os nordestinos construam sua fisionomia (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003). E se unam como região, com o objetivo de adorar Padre Cícero.

Saudação ao Juazeiro do Norte  
Autor: Patativa do Assaré

**Mesmo sem eu ter estudo  
sem ter do colégio o bafejo,  
Juazeiro, eu te saúdo  
com o meu verso sertanejo  
Cidade de grande sorte,  
de Juazeiro do Norte  
tens a denominação,  
mas teu nome verdadeiro  
será sempre Juazeiro  
do Padre Cícero Romão.**

O Padre Cícero Romão  
que, vocação celeste  
foi, com direito e razão  
o Apóstolo do Nordeste.  
Foi ele o teu protetor  
trabalhou com grande amor,  
lutando sempre de pé  
quando vigário daqui,  
ele semeou em ti  
a sementeira da fé.

Como podemos observar na obra de Patativa do Assaré, Padre Cícero, acima de todas as suas grandezas, é rotulado como o “Apóstolo do Nordeste”, o que mexe com o imaginário do nordestino, e o faz crer em Padre Cícero mesmo sem ter conhecimento de sua verdadeira

história perante a sociedade cearense, que por sinal é pouco conhecida entre a maioria da população nordestina. Se pudermos observar, o que esses cordéis trazem são elementos homogeneizantes, que colocam todos os nordestinos na mesma posição, com o mesmo imaginário sobre si. Na verdade, esses discursos fazem com que os nordestinos se sintam pertencentes a uma região, a uma construção, a uma invenção.

Esta que vem sendo elaborada há muito tempo, e que colocam todos os nordestinos a se verem da mesma forma. Claro, é preciso ressaltar algumas exceções, para que não possamos cometer o erro da generalização, porém, nós ao termos acesso a esses discursos, somos induzidos a pensar dessa forma.

A intenção por trás dos versos do cordel é que todos nós nos unamos para adorar a imagem do Padre Cícero, que por sua vez é padrinho de todo nordestino.

Ainda sobre essa discussão dos discursos homogeneizantes, é preciso que entremos em contato com um dos principais estereótipos que está arraigado na cultura nordestina, e é muito bem difundido na literatura de cordel, a imagem do cabra-macho. O cabra macho é um imaginário emblemático dos discursos do movimento regionalista, pois o nordestino deve ser um homem de pulso, bruto, que sobrevive ao sol, pega boi pelo rabo e bebe cachaça sem fazer careta. Durval Muniz (2003) nos diz que o nordestino estava perdendo espaço para o herói hollywoodiano com o advento do cinema, dessa feita, seria necessário criar uma imagem para o homem nordestino que combatesse esse concorrente e que o tornasse novamente o centro das atenções das mulheres nordestinas. É nesse contexto que surge a representação do cabra-macho, aliado à figura do homem que é o maior símbolo do ser macho no Nordeste brasileiro, Lampião.

Simplesmente o assunto mais abordado pelos cordéis, Lampião é símbolo da masculinidade nordestina, é o homem que tem coragem de “mamar em onça”, que combate o próprio diabo em suas pelepas, enfim, é o verdadeiro cabra-macho.

A Chegada de Lampião no Inferno  
Autor: José Pachêco

Um cabra de Lampião  
Por nome Pilão Deitado  
Que morreu numa trincheira  
Em certo tempo passado  
Agora pelo sertão  
Anda correndo visão  
Fazendo mal-assombrado

**E foi quem trouxe a notícia  
Que viu Lampião chegar  
O Inferno nesse dia  
Faltou pouco pra virar  
Incendiou-se o mercado  
Morreu tanto cão queimado  
Que faz pena até contar**

Criatura temida por onde passa, Lampião, a exemplo de Padre Cícero, é uma figura a ser seguida pelos nordestinos, pois também faz parte do discurso homogeneizante difundido pelos folhetins de cordel, e por tantos outros veículos de comunicação, que unem os nordestinos em um único perfil, o do cabra-macho, que a exemplo de lampião tem coragem pra tudo, que é bruto, que é nordestino.

Assim, ao analisar esses três discursos dos cordéis, percebemos que a proposta deles é a de encontrar um ponto em comum entre os nordestinos, com a intenção de dar a idéia de região, pois eles devem se identificar com o discurso, que é característica única e exclusiva da região Nordeste. Trabalhando com pontos de vista tanto dos sulistas quanto dos próprios nordestinos, percebemos que há sim resquícios do discurso regionalista nos dias de hoje, e entre outros meios de comunicação, um dos principais difusores desses discursos são os cordéis.

### **Algumas Considerações Finais**

Tendo em vista o que foi discutido nesse trabalho, é preciso elucidar alguns pontos principais da discussão. Primeiro a cultura nordestina não pode, nem deve ser negada, muito menos a literatura de cordel presente entre nós. O que se tem que ter cuidado é com os discursos que são difundidos sobre os nordestinos e a apropriação que os mesmos têm de algumas representações impostas pelo, ainda presente, discurso regionalista. É preciso que se saiba separar as coisas e que se tenha em mente que o Nordeste é composto por várias culturas diferentes, cada uma com suas particularidades e virtudes, pois como nos diz a história cultural, não é mais possível se adotar uma única verdade, até porque ela não existe em sua totalidade, a composição agora é de várias verdades que devem ser estudadas e analisadas. Assim, não existe cultura superior a outra, mas se deve tomar cuidado com a reprodução de estereótipos que acabam por criar um clima de segregação entre as regiões.

O papel principal da literatura de cordel é demonstrar a força da cultura popular ainda presente em nosso país mesmo com o advento das mídias digitais. Sendo a literatura ainda um meio de comunicação muito usado por todas as classes sociais e todas as culturas do nosso país, dessa forma, no mesmo sentido em que os cordéis serviram para divulgar a mensagem do que viria a ser o nordestino, como uma criatura já pronta, unida por uma região e por alguns discursos homogeneizantes, ele pode servir para ajudar na desconstrução da identidade do nordestino estereotipado. Como já o vem fazendo, pois as novas levas de folhetins, não trazem mais discussões tradicionais e regionalistas, mas sim, temas sociais que ajudam a conscientizar a população de seu papel na sociedade e também que elucidam a imagem do Nordeste e do nordestino como realmente o são, sem negar todas as nossas diferenças culturais e sociais.

### **Referências Bibliográficas**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo; uma História do gênero masculino* (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Editora Catavento, 2003.

ASSARÉ, Patativa do. *Saudação ao Juazeiro do Norte*. s/l, s/n, s/d

BARROS, Leandro Gomes de. *A seca do Ceará*. Guarabira – PB: Pedro Batista (Editor), 1920.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. *O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier*. In: \_\_\_\_ Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

FALCON, Francisco. *História Cultural: Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.



GINZBURG, Carlo. Prefácio/Sinais: raízes de um paradigma indiciário/ Ticiano, Ovídio e os códigos da figuração erótica no século XVI. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

LUYTEN, Joseph M. *O que é Literatura de Cordel*. Editora Brasiliense, 2005.

MELLO, Adilson da Silva; JÚNIOR, Otávio Cândido da Silva. *Uma Leitura da "Circularidade" entre culturas em Carlo Ginzburg*. janus, lorena, ano 3, nº 4, 2º semestre de 2006.

PACHECO, José. *A chegada de Lampião no Inferno*. s/l, s/n, s/d.